

AS VIOLÊNCIAS URBANAS EM AMÉRICA LATINA: EXCLUSÃO E MEDO, UMA COMPARAÇÃO ENTRE SÃO PAULO (BRASIL) E MEDELLÍN (COLÔMBIA)

David Esteban Molina Castaño¹
Universidad Autónoma Metropolitana (México)

Resumo / Resumen / Abstract

O presente texto apresenta uma comparação entre dois centros urbanos latinoamericanos em termos de problemas de criminalidade e imaginários públicos sobre a violência urbana. Nele se toma como ponto de partida as situações de violência urbana extrema em Medellín (Colômbia) para caracterizar circunstâncias similares mas com menor virulência em São Paulo (Brasil).

El presente texto presenta una comparación entre dos centros urbanos latinoamericanos en términos de problemas de criminalidad e imaginarios públicos sobre la violencia urbana. En él se toma como punto de partida las situaciones de violencia urbana extrema en Medellín (Colombia) para caracterizar circunstancias similares pero con menor virulencia en Sao Paulo (Brasil).

The present text presents a comparison enters two latinoamericanos urban centers in terms of crime problems and imaginary public on the urban violence. In him is takes as starting point the situations of extreme urban

¹ Antropólogo da Universidade de Antioquia –Colômbia-, atualmente desenvolvendo estudos de Doutorado em Ciências Antropológicas na Universidade Autónoma Metropolitana de México.

violence in Medellín (Colombia) to characterize similar circumstances but with virulencia minor in São Paulo (Brazil).

LAITURA PROPOSTA

Resulta quando menos estranho propor uma mirada comparativa entre uma megalópolis com mais de 20 milhões de habitantes como São Paulo² –a segunda cidade em população de América Latina- e uma cidade colombiana chamada Medellín³ com só 3'200.000 habitantes; resulta mais estranho se pensamos do que escrevo este texto em a Cidade do México, rodeado por mais de 23'000.000 de pessoas, precisamente na única cidade do mundo com mais habitantes que São Paulo. Por que não comparar simplesmente estas duas urbes gigantes⁴ e ater-nos à noção da “megalólis” para abordá-las? A verdade é que estive tentado a fazê-lo mas, depois de pensá-lo detenidamente por uma ou duas semanas, me decidi pelo caminho difícil e assumi o repto de realizar o estranho exercício de confrontar os dados de duas cidades tão diferentes como las señaladas inicialmente. Começamos, pois, por explicar as motivações para fazer uma comparação tão particular:

Em primeiro lugar estão as motivações de tipo pessoal: nasci em Medellín e cresci nesta cidade quando as diferentes manifestações de violência homicida cobrava 341 mortes por cada 100.000 habitantes a fins do anos oitenta e princípios do anos noventas⁵, das quais o 80% correspondiam a jovens de minha idade (entre os 15 e os 25 anos de idade). Isto converte a minha cidade natal, ao menos para mim, num

² A área metropolitana da cidade de São Paulo é formada por 39 municípios (*veja-se mapa 1*), com uma população beira a 20'000 de pessoas que representam o 11% da habiades do Brasil. Fundada em 1554 , capital de capitania em 1640 –posteriormente estado-, sofre um grande desenvolvimento comercial ao longo do século XIX graças à indústria cafetera e têxtil. Configurando a fins do século XX uma mancha urbana de 80 Km. em direção Este-Oeste e 40 Km. na direção Norte Sul, mais de 1500 km² de área urbanizada -algo ainda mais impressionante se pensamos do que em 1880 cobria só 2 Km² (*veja-se tabela 1*).

³ A área metropolitana da cidade de Medellín é formada por 10 municípios (*veja-se mapa 2*), com uma população beira a 3'200.000 habiades que representam o 7% da população colombiana. Con una extensión urbanizada un poco superior a los 300 km². Fundada em 1616, desde 1816 capital departamental de Antioquia, sofre um grande desenvolvimento comercial ao longo do século XIX graças à indústria Cafetera e têxtil. Atualmente é o centro têxtil mais importante do país.

⁴ Observa-se que São Paulo e Cidade do México têm um processo do crescimento demográfico análogo. Suas curvas se projetam aos mais altos valores na virada do anos 50 do siglo XX. Megalópolis latinoamericanas, abrem-se de maneira incontrolada e inequitativa a uma forte migração campo - cidade durante toda a segunda metade do século em questão; gerando e reproduzindo assim as grandes contradições do que se chamou uma “modernidade incompleta” - caracterizada por um muito desigual acesso aos recursos, serviços públicos e possibilidades trabalhistas-.

⁵ Como ponto de comparação, ponho em consideração do leitor cifras como as de Cidade do México, as quais fluctuaron em dito período entre 18 e 20 mortos por cada cem mil habitantes.

constante ponto de referência à hora de pensar sobre a violência como fenômeno de caráter urbano: não só é um caso extremo de violência, é uma situação da que tenho conhecimento de causa direto. Isto tem grandes envolvimento a nível metodológico, pois esta cidade me serve de trasfondo onde caracterizar os fenômenos que apresento hoje; em outras palavras parto de um caso extremo de violência para analisar situações um pouco menos virulentas no contexto latinoamericano (como Cidade do México ou, neste caso, São Paulo).

Falando em termos weberianos se pode dizer que tomo a Medellín como um caso “tipo”⁶ dentro da violência urbana de América Latina; privilegiando com isto uma visão sócio-cultural da violência, por sobre o fator socio-demográfico do crescimento urbano desmedido⁷.

Em segundo lugar se encontram motivações de tipo acadêmico: este texto é um resultado preliminar de minha tese doutoral na Universidade Autônoma Metropolitana de México. Uma tese titulada *Os temores narrados: o medo, a violência e o discurso em Medellín, Colômbia, a fins do século XX (uma crise social vista desde os cemitérios)*; lo que resulta muito dizente com respeito a meus interesses investigativos, especialmente no referente à relação entre medo e violência, como criadora de imaginários e itinerários ao interior da cidade.

Neste mesmo sentido se emolduram as atividades interdisciplinares que adianto nos últimos meses com um grupo de pesquisadoras italianas⁸, com a idéia de fazer investigações de caráter comparativo entre diversos contextos culturais no mediterrâneo e latinoamerica. Especificamente no relativo ao medo como gerador de uma forma fragmentaria de apropriar-se dá cidade; como uma aproximação à cidade por parte de seus habitantes que se constrói socialmente e se reproduz

⁶ Me refiro ao modelo metodológico clássico proposto por Max Weber em sua *Economía y sociedad* (1993), no que se refere à caracterização de tipos “ideais” dos quais se acercam ou dos quais se afastam a realidade da vida histórica. Medellín, neste caso, apresenta-se como uma cidade muito próxima à situação de violência plena (guerra civil) ao interior da cidade; principalmente, falando do período que vai de 1987 a 1993: caracterizado pelos atentados terroristas levados a cabo por Pablo Escobar Gaviria e o grupo dos “Extraditables” –um grupo de narcotraficantes liderados pelo dito personagem que usavam métodos de violência extrema para pressionar ao Estado colombiano a fim de impedir a extradição de nacionais colombianos aos Estados Unidos de América-.

⁷ Se querer dizer com isto que o fenômeno violento na cidade não tenha bases sócio-demográficas em termos de aglomeração e desigualdade social. No entanto, o que me interessa ressaltar aqui é uma “atmosfera” de medo e suspeita que se encontra unida à violência. Ressaltando o papel da criminalidade, em tanto sujeito de imaginários coletivos, como elemento central na vida urbana latinoamericana.

⁸ La investigadora Valentina Railoa de la Universidad Federico II de Napoli y la investigadora Clelia Bartola de la Universidad de Florencia.

culturalmente a partir da idéia de uma série de sujeitos e espaços “perigosos” com os que uma pessoa se cruza ao transitar pela cidade⁹.

Seguindo esta lógica o que me interessa hoje é apresentar uma mirada da violência latinoamericana que parte de meu próprio contexto de investigação (Medellín) e se extrapola a um contexto diverso, mas ainda latinoamericano, como o de São Paulo. Propondo, em poucas palavras, uma leitura de ambas cidades em termos do medo à aparição de situações de violência imaginadas por seus habitantes.

PONTOS DE PARTIDA

Agora bem, esta em realidade não pode ser mais do que uma aproximação parcial ao tema: eu não sou habitante de São Paulo, assim que a mirada que posso realizar desta cidade será sempre desde “afora”; em contrapartida, sou habitante de Medellín –ou o fui até faz pouco-, assim que a mirada que faça desta cidade será sempre desde “adentro”. Dada dita dualidade devo estabelecer alguns pontos de partida que permitam construir pontes entre o adentro e o afora, apresentado a problemática de maneira global. Em outras palavras, estabelecer um pequeno marco conceitual.

O modelo que proponho se compõe de dois grandes campos de trabalho:

- 1) O ponto de vista da violência urbana como um assunto de crime e controle social¹⁰. Uma visão associada ao conceito de violência em tanto forma de coação de um ser humano contra outro, que pode ser classificada e analisada em relação ao número e tipo de agressões acontecidas num período de tempo determinado na localidade que se estuda.
- 2) O ponto de vista da violência urbana como parte dos imaginários sobre a cidade. Uma violência não considerada como um fato tangível e quantificável, senão como uma possibilidade a futuro vista pelos habitantes de uma cidade; possibilidade que condiciona as formas de habitar e interagir com os habitantes dentro da mesma. Gerando-se imaginários que terminam por integrar-se à cotidianidade urbana por meio da exclusão

⁹ Concepción de uma cidade transitada tem seus diretos antecedentes nas noções de “lugar” e “espaço” propostas por Michel de Certeau em seu texto sobre *L'invention du quotidien* (1990), retomadas posteriormente por Marc Augé em seu texto sobre *Los “no lugares”* (1993).

¹⁰Seguindo em isto ao exalade de Santafé de Bogotá, o filósofo e político Antanas Mokus (1999), entendo por controle social o entrecruzamento de três sistemas regulares do comportamento: lei, moral e cultura; os quais atuam em conjunto para propiciar a convivência cidadã.

de certos sujeitos sociais considerados como perigosos ou a autoexclusão de outros para tratar de diminuir as possibilidades de ser agredidos.

No que respeita à primeira das aproximações opte por limitar ainda mais o campo comparativo: falar sobre a violência homicida¹¹ a modo de elemento representativo com respeito às situações de criminalidade em ambas cidades. No que respeita aos imaginários da cidade o medo é o elemento central, como já o indiquei, o único que me fica por ressaltar é o papel que lhe outorgo aos textos descritivos produzidos pelos cientistas sociais brasileiros: é através dessas miradas alheias que pretendo percorrer a São Paulo. Com isto em mente, comecemos:

CIFRAS, SIMILITUDES E DIFERENÇAS

No que respeita à violência homicida dos vinte e cinco últimos anos na cidade de Medellín, pode falar-se de quatro grandes períodos: 1980-1985 (um período de encubação do conflito armado na cidade por causa do narcotráfico), 1985-1995 (estalido do conflito e incremento desmedido dos assassinatos), 1995 – 2000 (estabilização do centro da cidade, urbanização do conflito entre paramilitares e guerrilheiro nas periferias da cidade), 2000-2005 (estabilização da cidade, diminuição do conflito armado em periferias pela supremacia paramilitar no anterior conflito). Em termos numéricos isto se traduz em duas curvas na taxa de homicídios por cada cem mil habitantes ao ano (*veja-se gráfica 1*):

- 1) A primeira começa a manifestar-se entre 1985, quando se passa de 40 a 80 mortos por cada cem mil habitantes, e 1986 quando o assassinato se converte na primeira causa de morte na cidade; produzindo-se um incremento vertiginoso nos seguintes anos, incremento que chega a seu topo em 1992 –momento no qual a taxa de assassinatos supera as 340 mortes violentas, mais de um oitocentos por cento com respeito a sete anos antes- e começa diminuir depois da morte de Pablo Escobar Gaviria (principal capo mafioso da cidade, autor intelectual da maior parte dos atentados com “carros bomba” sucedidos na cidade entre 1987 e 1993) o 2 de semeie de 1994, para chegar a menos de 200 mortos em 1997.
- 2) A segunda curva, muito menos virulenta do que a anterior, começa em 1998 como resultado do processo de urbanização do conflito armado entre guerrilheiro e paramilitares; luta que se dá principalmente nos bairros periféricos da cidade por garantir corredores estratégicos destas agrupações ao oriente e ocidente da cidade. O crescimento da taxa de homicídios cresce

¹¹ El homicidio es un delito respecto al cual las cifras oficiales suelen ser confiables, especialmente aquellas vinculadas con el sector salud: un cadáver es más difícil de ocultar, algo que no sucede con robos o violaciones –casos donde la víctima puede optar por no denunciar la agresión-

a mais de 270 pessoas no ano 2001; diminuindo drasticamente a partir do ano 2003, momento no qual se dá uma intervenção direta e coordenada da polícia e o exercito nos bairros mais afetados; projetando-se na atualidade (2004), taxas inferiores aos 140 homicídios por cada cem mil habitantes.

Frente a estas taxas de homicídios não existe nenhuma outra cidade latinoamericana que possa equiparar-se e São Paulo não é a exceção; no entanto, nos últimos vinte anos o número de homicídios nesta cidade aumentou em mais de 200% (Fórum Metropolitano de Segurança Pública, 2000), o equivalente a passar de cerca de 20 homicídios por cada cem mil habitantes em 1980 a 60 por 100.000 em 1998 . Sendo igualmente a década dos anos oitenta o ponto de inflexão (*veja-se gráfica 2*) que marca uma curva ascendente nesta taxa de mortalidade. Uma situação que implica uma muito alta rata de crescimento, se se tem em conta que esta cidade, a diferença de Medellín, não passa durante este período por uma séria ameaça terrorista como a de Pablo Escobar, pelo contrário é na década dos anos oitenta em que se dá o passo à democracia, depois de uma longa ditadura militar

Por outro lado, existe um dado importante à hora de falar da violência em São Paulo: as mortes juvenis. Conquanto nos indicadores globais a diferença resulta abismal, no que respeita à morte de homens jovens as cifras da cidade brasileira resulta alarmantes; em tão só quinze anos a taxa de homicídios de homens entre os vinte e os vinte e quatro anos passa de 35 /100.000 em 1980 a 135/100.000 em 1995, o que significa um aumento próximo ao quatrocentos por cento. Se pensamos que cerca do 80% das mortes violentas sucedidas em Medellín foram de jovens entre os 15 e o 25 anos de idade, poderemos começar a redimensionar as perdas geracionais em ambas cidades: esta perda é o verdadeiro ponto de comparação entre las dos urbes, son dos generaciones “perdidas” en dos décadas (aquellas nacidas entre los años sesenta y ochenta del siglo pasado).

Agora bem, como o enunciei ao começo da palestra, crio que: enumerando, assim seja de maneira somera, os fatores que se conjugaram em Medellín para o aumento desmedido da violência na segunda metade da década dos anos oitenta é possível construir um diagnostico inicial sobre os fatores constitutivos da mesma e as respostas estatais e cívicas frente a ela no resto de Latinoamérica.

Grosso modo foram três os elementos violentos que confluíram a partir do ano oitenta e cinco para propiciar a escalada em mortes violentas na cidade de Medellín: 1) a crise econômica dos anos oitenta e o surgimento de economias alternativas baseadas no narcotráfico ou outras formas de acionar delictivo como o seqüestro ou os assaltos, criando-se grupos delinqüenciais com o suficiente poder econômico como para poder arrebatam o monopólio legitimo das armas ao estado (ao menos no nível local); 2) o vazio na resposta estatal ante a modificação do panorama delictivo, que degenerou no surgimento de grupos de armados privados

de corte paramilitar ou guerrillero sustentados pela extorsão ou o próprio narcotráfico; 3) Um alto grau de intolerância social e política que combinado com os outros dois elementos crio uma série de grupos “de extermínio”, dedicados a dar morte tanto ao que em Colômbia se chamou “desechables” (meninos e homens habitantes nas ruas, prostitutas e trasvetidos, adictos, entre outros), como aos integrantes de grupos políticos de esquerda (considerados por estes grupos como possíveis seqüestradores ou apoios de seus inimigos).

Se comparamos, falando desde fora claro está, estes elementos com a situação de violência em São Paulo, penso que se encontram a sua vez como referentes comuns. Para ninguém é um segredo a existência dos grupos “de extermínio” nas grandes cidades brasileiras e de setores (normalmente favelas) onde grupos delinqüenciais unidos ao narcotráfico se transformaram em mediadores sociais ao interior de comunidades empobrecidas da cidade.

São todas estas condições as que terminam por gerar uma atmosfera de medo, que em Medellín se viu refletida na instauração de condomínios “fechados”, a desgração dos espaços de esparcimento localizados inicialmente no centro numa grande variedade de shoppings e casas campetres; por um lado, frente a bairros de invasão construídos cada vez mais alto nas ladeiras da cidade e mais incomunicados do centro da mesma. Agora bem, depois da morte de Pablo Escobar e do desmantelamento de uma grande quantidade das bandas de capangas que controlava este capo mafioso, em Medellín começou um processo de reconstrução do tecido social –fragmentado nestes pequenos grupusculos urbanos-, a solução institucional foi a do transporte em massa: um serviço de trem metropolitano que integra a cidade de sul a norte e de oriente a ocidente.

Enquanto em San Paulo, podemos ver fenômenos similares: Em seu texto sobre “Ser urbano em América Latina”, Armado Silva -semiólogo da Universidade Nacional de Colômbia- descreve um gigantesco condomínio chamado Alphaville, situado a 24 quilômetros do centro de São Paulo, da seguinte maneira:

Hoje (1995) 23.000 cidadãos vivem rodeados de 50 Km. de muro, para um total de doze bairros que conformam o maior condomínio de toda América Latina. Ante a incapacidade do poder público de responder às necessidades cidadã, os habitantes se unieron. Dês esta maneira reúnem 700.000 dólares por mês, com os quais conseguiram: corpo de bombeiros próprio, guardas privados as vinte e quatro horas ao dia, construção de shoppings, gaoslineras privadas, emissora e canal de televisão , e pela noite quatro caminhonetes-ateliês percorrem as vias de acesso à urbanização para auxiliar os carros identificados de

Alphaville: um selo amarelo. Nesta *autentica/ cidade-muro, só se apresentou um crime desde sua fundação ao final dos anos setenta. Sua seguridade é quase total. Hoje se planeiam muitas cidadelas deste tipo, enquanto a cidade central vê com frustração como a gente com capacidade econômica se vai desprendendo, sem ter alternativas que lhes oferecer. (1995: 39).

Esta é a mais clara expressão do que Milton Santos chamou a “cidade corporativa” (1990). Uma cidade dividida na que em nome da seguridade se constroem condomínios e shoppings cujos princípios básicos são a autosuficiência (concentrar o máximo de serviços em seu interior) e a exclusão (afasar potenciais criminosos, mas também indivíduos e grupos “indesejáveis”; para garantir a homogeneidade dos habitantes). Frente a esta cultura autocucão podemos encontrar o que Haitor Frúgoli chama o “espaço das ruas” (setores de intercâmbio social como Plaza dá Se) onde diversos atores sociais da cidade se encontram e interatuam à saída de uma das grandes estações do metro, rodeados por outros símbolos da cidade como a catedral

única forma, como vemos com Medellín, de romper o círculo vicioso da *autoexclusió/ – exclusão que gera o medo à violência é constituindo pontos de encontro cidadãos; traçando um mapa que seja apropiável pela maioria da população. Uma vez instaurado este mapa, os encontros cotidianos terminam por superar o medo.

BBLIOGRAFÍA

Augé, Marc, 1993, *Los “no Lugares”*, Barcelona, Gédisa.

Frugoli, Heitor, *São Paulo: Espacos públicos e interacción social*, São Paulo, Marco Zero.

Santos, Milton, 1990, *Metróploe corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*, São Paulo, Secretaria de estado da cultura.

Weber, Max, 1993, *Economía y sociedad*, México, FCE.

Fondos documentales:

Fórum Metropolitano de Segurança Pública, São Paulo

Anuario Estadístico de Antioquia, Medellín